

## Assistência e catolicismo reformador em São Paulo: Associação das damas de caridade (1900-1916)

CRISTINA DE TOLEDO ROMANO\*

A assistência aos pobres na cidade de São Paulo, no início do século XX, ocorreu essencialmente no âmbito da Igreja católica.

Propõe-se, aqui, avaliar essa assistência em meio à seção feminina da Conferência de São Vicente de Paulo no contexto de uma paróquia situada numa das regiões mais abastadas da cidade na época. Trata-se da Paróquia de Santa Cecília, localizada entre os bairros de Campos Elísios e Santa Cecília, local de moradia das famílias dos cafeicultores que se dirigiram para a capital a partir dos anos de 1870. Além de atender as elites instaladas nestes bairros, ela atendia, também, a população pobre dos bairros de Barra Funda, Lapa e Água Branca.<sup>1</sup>

A Conferência de São Vicente de Paulo foi instituída em Santa Cecília em 1895, no mesmo ano de criação da paróquia. Assim como as outras associações de leigos aí instaladas, tinha como diretor espiritual, o vigário da paróquia<sup>2</sup>.

Em São Paulo, a primeira Sociedade Vicentina, a Conferência de São José foi instalada em 1874 na capela de São Francisco de Sales no Seminário Episcopal com a anuência da Igreja que, na época, a viu como “um meio de integrar os estudantes à vida cristã”: “os fundadores revelaram a preocupação da Igreja paulista a respeito do anticlericalismo, que emanava da Escola de Direito, difundindo-se na juventude estudantil”. (CHIZOTI, 1991: 117-118)

No entanto, a Conferência não se consolidou com facilidade; primeiramente, porque muitos de seus membros não assumiam as responsabilidades instituídas por tal

---

\* Universidade Nove de Julho – Docente; FFLCH-USP – Doutora

<sup>1</sup> Parte desta população de classes populares passou a ser atendida por outras três paróquias: Lapa (instalada em 1911) e, Barra Funda e Perdizes (instaladas em 1914).

<sup>2</sup> A Conferência de São Vicente de Paulo surgiu na França, no século XIX, por iniciativa de um grupo de estudantes para fins de caridade entre os pobres por inspiração nos trabalhos de São Vicente de Paulo entre os séculos XVI e XVII.

A seção feminina da Sociedade vicentina em Santa Cecília foi instalada com 34 assistentes. Cf. registro em 30/05/ 1895. **Livro-Tombo n. 1** Fundo da Paróquia de Santa Cecília. (Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva - AMDDL).

associação, e também porque nessa época, ela não estava vinculada ao sistema paroquial, o que “a deixou sem um ponto de apoio” (CHIZOTI, 1991:120). A Igreja havia estimulado a sua fundação, mas não se envolvera diretamente em suas práticas, como veio a fazer posteriormente.

Somente a partir de 1878, começaram a surgir outras Conferências vicentinas na capital de São Paulo<sup>3</sup> e, desde então, elas foram atreladas às paróquias nas mesmas condições que as outras associações. Uma das condições para integrar-se a essas Conferências era a de que se praticasse o catolicismo: “A apresentação de um candidato não se fazia sem uma prévia consulta ao Presidente da Conferência e do pároco, que opinavam a respeito de (...) sua submissão às doutrinas da Igreja” (CHIZOTI, 1991: 123).

A outra condição para a filiação a uma Conferência era a de que se “estivesse em condições de socorrer os pobres concorrendo para a bolsa e não antes em condição de ser socorrido pela Conferência”.

A partir de 1887 as mulheres passaram a participar das Sociedades vicentinas, com a criação de uma associação exclusivamente feminina: a Associação das Damas de Caridade. Adotava famílias pobres que passavam a integrá-la na condição de “assistidas”, às quais fornecia, mensalmente, vales em gêneros alimentícios, além de assistência médica e farmacêutica. Além disso, também lhes ofertava, quando julgava necessário, calçados, roupas, agasalhos e dinheiro para pagamento de aluguéis de quartos e de casas. Também oferecia auxílios extraordinários a algumas famílias que não eram integradas permanentemente entre as assistidas pela Conferência.

Observando-se o movimento dos vicentinos na Paróquia de Santa Cecília observa-se que o trabalho de assistência da Conferência era desenvolvido efetivamente pela seção feminina. Não só nesta associação católica como em todas as demais, as mulheres atuaram preponderantemente. Especialmente, as mulheres de elite estiveram envolvidas em todas as atividades promovidas pela Igreja. Obviamente que a condição em que estavam colocadas estas mulheres nesta sociedade levavam a tal situação. Dedicadas à vida doméstica tinham na Igreja o seu principal espaço de circulação e de vivência social além do espaço privado. Em colégios católicos elas eram formadas para

---

<sup>3</sup> Foram fundadas as Conferências de São Braz, de São João Batista, do Sagrado Coração de Jesus, de Santa Cecília, de São Joaquim, de Nossa Senhora de Lourdes, de Santo Agostinho, de São Francisco de Assis, da Imaculada Conceição, de Santa Inez, e a de Nossa Senhora Auxiliadora.

desenvolver atividades de caráter filantrópico nas associações paroquiais (MANOEL, 1996: 149).

Em Santa Cecília, as mulheres eram atuantes, entre outras, nas seguintes associações: Apostolado da Oração, Associação das Filhas de Maria, Associação das mães cristãs, Associação Pia das almas do purgatório, Associação da Santa Infância, e Associação São José e Santa Adelaide.

Através dessas associações as mulheres tiveram um papel fundamental no processo da Reforma empreendida pela Igreja em São Paulo. Reforma esta que seguia as orientações da Santa Sé Romana, as quais estabeleciam novos padrões para a organização eclesiástica e para as práticas religiosas a serem implantadas junto aos fiéis.

Os novos padrões propostos pela Santa Sé desde o final do século XIX destinavam-se a combater as críticas de variados setores sociais respaldados em ideologias condenatórias da religião e de suas respectivas Igrejas, em especial, da instituição católica, na época.

Em face desta situação a Igreja procurou defender-se de seus adversários, sobretudo dos marxistas e anarquistas (HOBSBAWM, 1982: 280-281) buscando desenvolver uma ação fundamentada no pensamento *ultramontano* que teve origem no interior da Igreja católica francesa, no final do século XVIII em reação às concepções iluministas (FAUSTINO, 1991: 33).

Ao reformismo das Igrejas católicas de acordo com os preceitos ultramontanos orquestrados pela Santa Sé, entre os séculos XVIII e XIX atribuiu-se o nome de “romanização”.

No Brasil, a romanização da Igreja que se iniciara durante a vigência do Império, só fora empreendida de modo mais concreto a partir da implantação da República devido à liberdade que a instituição conquistara no processo de separação do Estado.

Em São Paulo, particularmente, o projeto romanizador ganhou impulso durante o bispado de D. Joaquim Arcoverde (1894-1897), especialmente, a partir de 1895. Desde então, além da criação de novas paróquias, também, estabeleceu-se um acompanhamento mais detido sobre as práticas religiosas desenvolvidas nas mesmas.

Assim, a atividade dos párocos passou a ser muito mais observada e controlada pelas autoridades. Sobre estes recaía, de fato, a responsabilidade de tornar concretos os

ideais reformadores, primordialmente o que implicava no fortalecimento e no espraiamento da fé católica.

Avaliando-se a documentação da Paróquia de Santa Cecília verifica-se que muita desta responsabilidade era dividida com as paroquianas ativas. Estas eram incitadas a colaborar na propagação da fé. Eram orientadas sobre a necessidade de “não se perder de modo algum ocasião de aconselhar uma criança a frequentar as aulas de catecismo”<sup>4</sup>; sobre a importância de lembrar aos seus respectivos associados que não se esquecessem da Desobriga; acerca do empenho fundamental para que se mantivesse as moças envolvidas no “catecismo da perseverança” que era “a base para a família católica” e que muito ajudaria:

*a estas moças a serem mais tarde verdadeiras mães cristãs; as Senhoras Zeladoras que procurem chamar o maior número possível de moças para este catecismo porque os frutos do nosso trabalho logo serão colhidos se nos lembrarmos que a sociedade depende da família e que a preocupação hoje é o ataque ao divórcio, portanto, um ataque à família, devemos pois quanto for possível procurar preparar as futuras mães de família com o escudo da instrução religiosa.”(Ata do Apostolado da oração – 06/10/1912 – AMDDL)*

Esperava-se também das zeladoras do Apostolado que auxiliassem na moralização dos costumes segundo os princípios romanizadores. O comportamento na igreja, por exemplo, deveria ser acompanhado detidamente por elas:

*As solenidades do mês de Maria correram muito bem, graças a Deus, não deixando, entretanto, o Revmo. Diretor de notar a grande falta de respeito que houve na Igreja, principalmente por parte das moças. Sendo à S. Revma. mais fácil dirigir-se aos moços, pede às Senhoras Zeladoras para nas futuras festas que houverem em Santa Cecília serem vigilantes e diretamente dirigirem-se às moças que necessitarem ser admoestadas. S. Revma. prometeu que no púlpito avisaria que as Senhoras Zeladoras estavam autorizadas pelo vigário chamar à ordem as pessoas que se esquecerem que estão na Igreja, e ao mesmo tempo pede às Senhoras Zeladoras que dêem o bom exemplo na Igreja, porque para ter autoridade para repreender uma falta é preciso não cometer a mesma falta; que se abstenham, portanto, de conversar e fazer grupos, o que muitíssimas vezes acontece contristando-o muitíssimo.”(Ata do Apostolado da oração - 04/07/1909 – AMDDL)*

Diante dos abusos que segundo o vigário se avolumavam em Santa Cecília, em abril de 1910, as zeladoras do Apostolado da oração foram autorizadas a

---

<sup>4</sup> Em 1911: “Notando a má vontade que há em muitas famílias para deixarem os seus filhos fazer a Primeira Comunhão, o Revmo. Diretor pediu às Zeladoras facilitar a matrícula das crianças ao catecismo e fazerem propaganda da Primeira Comunhão, (...)” Cf. Ata do Apostolado da Oração de 05/03/1911. (Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva – AMDDL)

*vigiar pela boa ordem da Igreja, é pedido que faz a cada uma das Zeladoras e dá a esse pedido força de uma ordem. Para poderem com autoridade exercer essa vigilância o Revmo. Diretor pede que usem de seus distintivos tanto quanto possível e se espalhem por toda a Igreja para melhor observar quem se comporta mal e chamá-los à ordem, (...). (Ata do Apostolado da oração - 01/05/1910 – AMDDL)*

A vigilância sobre os costumes não deveria se restringir ao espaço da Igreja; também fora dela havia oportunidades para que as senhoras a exercessem, já que até mesmo entre “pessoas pertencentes às associações religiosas”, verificavam-se imoralidades. Em ocasiões de convívio com suas amigas, mães de família, as zeladoras poderiam falar-lhes:

*sobre os maus jornais, romances e freqüências à espetáculos mais ou menos fáceis e aconselha-las a que guardem suas filhas desses corruptores da moral e dos bons sentimentos, sobretudo a freqüência aos cinematógrafos, que atualmente é a diversão por excelência a qual vão todos, ricos e pobres (...). Não se pode pedir que não vão a esses espetáculos, mas se pode aconselhar que não vão (...), sem antes saber se o programa é bom ou não. (Ata do Apostolados da oração - 04/09/1910 – AMDDL)*

A tarefa de preservar e alastrar a religiosidade católica era difícil no contexto da cidade que se modernizava. A análise das atas da Associação das damas de caridade permite afirmar que tal associação, sob a direção da Igreja, tem como principal preocupação a propagação da fé. Ou seja, seu caráter originariamente assistencialista foi submetido ao propósito de forçar a adoção do catolicismo junto aos pobres que se buscava amparar.<sup>5</sup>

Cada dama de caridade da associação ficava responsável por acompanhar algumas famílias, através de visitas regulares para o reconhecimento de suas necessidades. Muitas vezes as damas eram procuradas em suas casas por pessoas recém-chegadas à capital, vindas de outras localidades do interior ou de outros Estados, solicitando auxílio financeiro.

O estado de enfermidade era condição essencial para a adoção dos pobres pela Conferência. No entanto, verifica-se a partir dos registros das reuniões quinzenais que as Damas foram tendendo a contrariar esta condição, aceitando abrigar em seu Albergue, criado em 1900, também os familiares dos doentes.

Já nos primórdios do funcionamento dessa Casa assistencial, o vigário das paróquias chamou a atenção para as dificuldades de se receber uma mulher assistida pela Conferência, com seus seis filhos porque:

---

<sup>5</sup> Foram analisadas as atas da associação entre os períodos de 1900 à 1905; e de 1913 à 1916.

*além de já ter muitas crianças na casa, ela tem 6 filhos, (...) não podem acomodar-se num quarto só, o que até é contra a higiene e que o quarto que está desocupado na casa é para algum pobre doente que aparecer conforme o espírito da associação da qual nós nos temos afastado recebendo pobres que não são doentes. (Ata da Associação das Damas de Caridade de Santa Cecília – 31/12/1900 - AMDDL)*

Além de opinar sobre o trabalho assistencial, o vigário orientava as damas quanto à pregação do catolicismo entre os pobres assistidos. As damas tinham o dever de levar-lhes a cumprir os sacramentos e de informar nas reuniões sobre o “estado espiritual” dos mesmos, pois havia conhecimento de que alguns deles não se confessavam nem iam à Igreja. As atividades nessa área eram citadas nas reuniões como conquistas exemplares:

*Uma Dama conseguiu que três pessoas casadas só civilmente se casassem também no religioso, uma outra está trabalhando para a conversão de uma família composta de quatro pessoas, estando bem animada (...).(Ata da ADCSC – 08/09/1902 – AMDDL)*

A recorrência desse tipo de informação nas atas das reuniões permite afirmar que ela funcionava como meio para incentivar as damas a levarem a cabo a prática da disseminação religiosa:

*Uma dama conseguiu com seus esforços unir um casal que há muito vivia ilícitamente, e que muitas pessoas que viviam afastadas da religião voltassem a praticá-la. Uma mulher pobre caiu gravemente enferma, e uma das nossas Damas conseguiu com seus conselhos e boa vontade que ela se resolvesse a confessar-se. (Ata da ADCSC – 30/01/1903 – AMDDL)*

A expectativa de que a recepção da assistência levasse os pobres a adotarem imediatamente a religião se expressa no relato da reunião de junho de 1904:

*Foi visitado um moço pobre de nome Manoel Pinho, morador a rua Victorino Carmillo 49, este moço acha-se gravemente enfermo, e em extrema miséria, deu-se um par de calças de casemira, duas camisas de flanela, 2 camisas brancas, 2 pares de meia, e algum alimento, e está recebendo duas garrafas de leite por dia, e pão. Ainda não resolveu confessar-se. 2(Ata da ADCSC – 20/06/1904 – AMDDL)*

Os assistidos da Conferência vicentina eram, então, dirigidos à Igreja pelas damas para o cumprimento das práticas sacramentais, algumas vezes com data e horário marcados:

*Ficou combinado que todos os pobres da Conferência farão a confissão e Comunhão de desobriga no dia 31 de Maio, (...). As Damas visitantes devem auxiliar e facilitar aos seus pobres para que não deixem de comparecer a esse ato de religião devidamente preparados e aqueles que se acham doentes impossibilitados de comparecerem na Igreja promoverem para que façam em suas próprias casas. (Ata da ADCSC – 18/05/1903 – AMDDL)*

Para a garantia do cumprimento dos ritos católicos, havia um cuidado todo especial para que não faltasse aos filhos dos pobres a indumentária para a participação nas cerimônias religiosas, principalmente no que dizia respeito à Primeira Comunhão: calças, botinas, sapatos e vestidos eram providenciados para a ocasião. Também havia preocupação com a questão dos enterros e dos casamentos; para os mortos, ofereciam-se roupas e caixões, e para as moças, vestidos de casamento.

A ação das damas da Conferência era vista por elas de forma pretensiosa; julgavam que os pobres reconheciam com satisfação a caridade prestada, associando-a a uma determinação de ordem divina. O comentário sobre a festa promovida pela associação para os pobres onde foram distribuídos: “feijão, arroz, farinha, açúcar, café, carne seca, toucinho, latas de goiabada, marmelada, doces, balas e bolachinhas”, em janeiro de 1903, expõe o tal sentimento:

*Esta festa deixou no espírito dos pobres excelente impressão que se manifestava já pelas lágrimas que muitos derramavam, já pelas expressões que saíam de seus lábios, tendo-se ouvido dizer uma pobre que quando o Revmo. Diretor benzia e distribuía os gêneros, lhe parecia ver a Jesus ouvindo aos pobres. (Ata da ADCSC – 12/01/1903 – AMDDL)*

Ainda que não tenhamos registros dos próprios assistidos quanto à recepção da assistência, há indícios de que, por vezes, a abordagem das damas diante das tentativas de imputar-lhes sua religiosidade tornava seus contatos indesejáveis.

A recomendação do vigário às damas ingressantes em agosto de 1905 exemplifica esta observação expondo as dificuldades que cercavam a atividade de inserção dos postulados católicos entre as camadas populares:

*(...) que quando visitarem um pobre doente pela 1ª vez, que devem sempre fazer uma oração a S. Vicente de Paulo antes de irem, e não desapontarem se não forem atendidas ou bem recebidas a 1ª vez, mas que devem perseverar com muita caridade e por meio de orações procurarem ganhar em 1º lugar os corações e a confiança dos pobres. (Ata da ADCSC – 21/08/1905 – AMDDL)*

As damas eram, portanto, encorajadas a perseverar no ofício da doutrinação, a despeito das dificuldades encontradas.

Pode-se afirmar que essas dificuldades relacionavam-se às reações dos grupos populares em face das ações que buscavam impor-lhes a religiosidade católica romanizada. Segundo Castillo, o controle religioso implica num controle do imaginário: “Não se pode mudar uma maneira de viver a religiosidade, se não se dismantelar o universo simbólico que o sustenta, substituindo-o por outro”. A Igreja buscou, no processo de romanização, “desapropriar” as camadas populares “do poder de dar sentido e significado à realidade” (CASTILLO, 1997: 120). Os populares deveriam reconhecer que a Igreja era fundamental para o contato dos homens com o universo divino, um universo separado da terra e no qual estavam, além de Deus, Nossa Senhora, os anjos e os santos oficiais. Segundo Castillo, procurou-se impor esse imaginário sobre um outro que concebia certa familiaridade entre o sagrado e o profano, entre o céu e a terra, e que, portanto, não reconhecia a necessidade de mediação da Igreja para o relacionamento com as divindades:

*O céu está a serviço da terra, e não o contrário, como no paradigma da civilização cristã, da cristandade tridentina. Deus, N. S. Jesus Cristo, a Virgem e os santos, estão na terra. O céu faz parte da terra, e a terra faz parte do céu. (CASTILLO, 1997: 125)*

A frustração das damas quanto à “demora” do assistido em demonstrar sua adesão ao catolicismo; e a advertência do pároco para que não desanimassem quanto a certa indisposição dos pobres em relação às representantes da Igreja, expõem a resistência que a instituição encontrava para imprimir a sua religiosidade entre as camadas populares. No contexto aqui apreciado tal resistência adquire um caráter muito contundente, já que não se pode esquecer que o apelo à conversão vinha cercado de ofertas e atenções caridosas.

Além das damas procurarem angariar esmolas para os assistidos, também concediam, elas próprias muitas esmolas, chegando a se responsabilizarem pelos mesmos durante certos períodos.

Algumas destas caridosas também procuravam auxiliar os assistidos servindo de intermediárias na resolução de questões junto a outras pessoas ou instituições. Em 1902, consta que uma associada:

*foi pedir à dona de uma casa onde morava uma família pobre que estava sendo perseguida pelo cobrador, para perdoar meio mês de aluguel da casa que esta família devia e foi atendida. Ela dá a pobre Francisca quase toda a dieta, empregou o marido dela ganhando 3\$000 por dia e durante mais de um mês sustentou toda a família composta de 4 pessoas. Esta pobre recebe da Conferência leite e remédios. (Ata da ADCSC - 15/12/1902 – AMDDL)*

Ao assistido cabia uma posição de absoluta submissão. Até mesmo a avaliação quanto à necessidade da assistência era determinada pelo pároco e pelas damas. Eram eles quem estabeleciam, digamos, a intensidade da necessidade:

*Maria das Dores, Rua Dr. Abranches, apesar de queixar-se muito, a comissão de sindicância achou que aparentemente estar gozando saúde, a mesma coisa achou da filha, que sofrendo de ataques mostra estar forte e sadia. (Ata da ADCSC - 17/10/04 – AMDDL)*

Assim, a associação procurava intervir e regular a vida dos pobres assistidos, condicionando, em certos casos, a assistência à adequação aos padrões de conduta estabelecidos por ela. Em 1901, por exemplo, determinou-se em reunião que uma das assistidas, mãe de um filho “já grande”, demonstrando não querer empregá-lo, ficaria suspensa pela associação se não o fizesse num prazo de um mês.

A própria adoção da pessoa pela associação estava condicionada a uma avaliação prévia de seu comportamento, como se verifica no relato seguinte:

*(...). Pela Presidente e Vice-presidente, foi visitada uma mulher a rua Fortunato n. 32, a Conferência não a adotou como pobre, apesar da necessidade em que se acha, por não ter podido obter informações a respeito do modo de vida da mesma, mas resolveu dar-lhe socorros em gêneros. (Ata da ADCSC – 25/08/1902 – AMDDL)*

Ou seja, não bastava o reconhecimento do estado de pobreza do postulante; era preciso que o mesmo estivesse enquadrado em um determinado padrão de comportamento estabelecido pela Conferência para que pudesse fazer parte do quadro

de assistidos. E uma vez nesta condição, estes deveriam manter suas condutas nos limites deste padrão. Prova disto ficou registrada na ata da reunião de outubro de 1904: a necessidade de que houvesse uma senhora que pudesse morar no Albergue para manter “a ordem entre os pobres”, pois “não tendo ali uma pessoa a quem os pobres respeitem e precisem prestar obediência não se poderá saber ao certo os verdadeiros necessitados.” (Ata da ADCSC – 03/10/1904 – AMDDL)

O relato sobre uma visita de sindicância ao Albergue, nesse mesmo ano, demonstra o reconhecimento por parte dos pobres de que a concessão da assistência estava condicionada a condutas morais pré-definidas: “(...) a pobre Joaquina pediu pelo amor de Deus que não a expulsassem de lá, porque não tinha para onde ir e, prometia mudar de vida.”

O mesmo relatório permite visualizar o desejo de imposição de modos de convivência e de habitação pela associação:

*(...) notou-se a falta de asseio, para o que chamou-se a atenção das socorridas que estão com saúde, para se encarregarem da limpeza geral, da casa, mas para que este serviço se faça com regularidade seria bom que as Damas que forem designadas em seção para visita semanal designe a que deve responsabilizar-se em cada semana. Foram feitas enérgicas observações a duas socorridas que se achavam em desarmonia, foram ameaçadas de saírem pelo menor atrito que houver entre elas, (...). (Ata da ADCSC – 17/10/1904 – AMDDL)*

Desta maneira, ao mesmo tempo em que a Igreja procurava “reformular” a religiosidade popular, tratando-a como superstição, também agia autoritariamente quanto aos comportamentos das camadas populares, imputando-lhes, através de suas associações, normas de conduta consideradas legítimas, sobretudo pelas elites dominantes.

A análise da documentação da Associação das damas de caridade permite identificar, ainda, uma ausência. Comparando-a com as atas do Apostolado da oração na mesma época, nota-se que, diferentemente desta última, naquela não havia qualquer tipo de comentários sobre a sua situação financeira. Nas reuniões do Apostolado são inúmeras as orientações e as pressões do vigário para que as associadas angariassem recursos junto aos paroquianos.

Além de toalhas para os altares, cortinas para os sacrários, capas para os asperges, etc., o vigário pedia às senhoras que se responsabilizassem por vestimentas e calçados para os clérigos e coroinhas. Nessas reuniões, ele também designava as zeladoras que deveriam fazer as coletas durante as missas que se realizariam no mês. Solicitava-lhes, ainda, que buscassem contribuições fora da igreja, como, por exemplo, quando propôs-se que se dividisse a paróquia em distritos e que cada zeladora tomasse conta de uma rua para “arranjar contribuições mensais para as obras da Matriz” (Ata do Apostolado da oração - 04/12/1907 – AMDDL). A propósito deste plano, com o objetivo de tornar “mais fácil, mais leve” a tarefa, o vigário diretor informou, posteriormente, que resolveu que seria mais acertado organizar comissões para que fossem conseguidas as contribuições. (Ata do Apostolado da oração - 02/01/1908 – AMDDL)

Os registros nas atas demonstram que a incumbência recebida pelas zeladoras não era uma tarefa fácil, e o vigário investia numa espécie de conquista para estimular as zeladoras a levarem adiante seus planos sobre a obtenção dos recursos para os fins aqui mencionados:

*(...) disse que as Senhoras Zeladoras coadjuvam o vigário muito com isto, no apostolado da salvação das almas, porque irão adiante e em nome do vigário, de modo quando ele se apresentar, já não é um estranho para os seus paroquianos, porque o vigário irá também trabalhar no mesmo terreno, não mandará somente as Senhoras Zeladoras e ficará descansando, isso não, ele também irá, e já não será mais um estranho que se apresenta porque teve antes quem o apresentasse. Portanto, S.Revma. conta com a boa vontade e com um verdadeiro espírito de sacrifício da parte das Senhoras Zeladoras, porque a recompensa é só Nosso Senhor quem dá. (Ata do Apostolado da oração - 05/02/1908 – AMDDL)*

Na mesma época o vigário constatava que as contribuições para a Matriz vinham diminuindo muito, e por isso, sugere às zeladoras que “tomavam conta das ruas” para angariar esmolas, deveriam “trazê-las bem vigiadas, ver quando sai uma família e vem outra, ir logo falar-lhe e pedir uma contribuição”. (Ata do Apostolado da oração - 07/08/1910 – AMDDL)

A insatisfação do vigário quanto ao movimento financeiro do Apostolado o levava a constranger as associadas:

*O Revmo. Diretor disse que não há aqui muito empenho em zelar pela Caixa do Apostolado, que em muitos Centros, as zeladoras até são obrigadas a entregar uma quantia certa em cada sessão, de modo a equilibrar as despesas e não deixar déficits, aqui não se faz isso de modo que ao fim de poucos meses está outra vez a Caixa com déficit; S. Revma. pede que zelem mais nesse sentido, tendo mais interesse em trazer a Caixa do Apostolado mais farta, pedindo às suas associadas, esmolas para esse fim. (Ata do Apostolado da oração - 02/04/1911- AMDDL)*

De fato, as atas das reuniões da Associação revelam as frustrações dos vigários que estiveram em exercício na paróquia nos primórdios do século XX em relação à aquisição de recursos por parte da mesma. Quanto a isso, é ilustrativo o registro seguinte:

*O Revmo. Diretor fez sentir o quanto está descontente com a falta de pontualidade e pouco interesse com que as Senhoras Zeladoras têm procedido às coletas, dizendo trazer isso atrasos nos pagamentos das despesas do culto (...).(Ata do Apostolado da oração - 07/10/1917 – AMDDL)*

E numa das reuniões de 1919, o vigário faz uma observação que chega a colocar em dúvida a religiosidade das zeladoras no afã de constrangê-las a cumprirem as incumbências financeiras que lhes eram atribuídas:

*O Revmo. Diretor disse que as Senhoras Zeladoras não têm rezado pedindo ao Sagrado Coração de Jesus que nos mande bons recursos para pagar o nosso altar-mor e poder se efetuar a sagração da Igreja; porque até agora nada há de positivo, e o altar está encomendado na Europa, por um preço louco. (Ata do Apostolado da oração - 02/11/1919 – AMDDL)*

Diferentemente dos registros do Apostolado da Oração, que revelam a extrema preocupação do vigário, especialmente, com a aquisição do montante necessário para a construção do templo da paróquia, nas atas das reuniões das Associação das damas de caridade não há observações ou menções às dificuldades para manter a assistência aos pobres que iam se avolumando com o passar do tempo na cidade de São Paulo em torno dos bairro abastados de Santa Cecília e Campos Elísios.

O aumento do volume de solicitações de auxílio junto à associação levou o vigário em 1903 a defender a adoção de, no máximo, 30 famílias.<sup>6</sup> Assim o fez, sem

---

<sup>6</sup> Dois anos antes a associação atendia treze famílias. Cf. relatório Assembléia Geral das Damas de Caridade, pela seção da Paróquia de Santa Cecília publicado no jornal da paróquia. (Mensagem Paroquial, 02/08/1901)

colocar em questão proposta para a superação das dificuldades financeiras que inviabilizavam o atendimento em face das novas necessidades.

O acompanhamento das informações veiculadas no jornal da paróquia entre os quatro últimos meses do ano de 1900 e o ano de 1902 acerca dos donativos ofertados para as obras da igreja-matriz e os que eram destinados à obra de caridade por intermédio da Conferência de São Vicente de Paulo (seção masculina e feminina) permite observar que a importância atribuída à assistência aos necessitados era ínfima:

	<u>Obras da Igreja</u> <u>(construção)</u>	<u>Obras de caridade</u>
1900	12.861\$500	878\$740
1901	80.986\$100	3.331\$510
1902	37.911\$620	3.689\$550

A falta de recursos é mencionada apenas como uma constatação: quando se tratava de expor decisões de não inclusão ou de suspensão de determinados pobres. Em referência à visita a Francisco Mesquita registrou-se que:

*de novo voltou para a nossa Conferência, avisando-lhe que só receberá leite e carne, visto a C. não ter recursos para aumentar os socorros, mas achando-se muito doente a mãe deste pobre mandou-se aviar uma receita que ele pediu.*(Ata da ADCSC - 05/06/1905 – AMDDL)

Percebe-se, portanto, que o atendimento aos assistidos em suas necessidades essenciais era parco. Em face de uma população que recorrentemente era encontrada em condições de extrema desnutrição e freqüentemente doente<sup>7</sup>, e que recorria à associação para obter um cobertor, colchão, ou par de chinelos, os assistentes julgavam bastante legítimo negar auxílio àqueles que reconheciam estar fora da linha de pobreza que se propunham assistir. É o que se depura do caso de uma pedinte que fora recusada “pelo fato de não se achar doente” e ter um filho moço “que está empregado ganhando alguma coisa”. (Ata da ADCSC – 20/03/05 – AMDDL).

Em outras palavras, os leigos católicos e a Igreja, neste começo do século XX, na região mais abastada da cidade de São Paulo, promoveram uma assistência bem a

---

<sup>7</sup> Muitas damas se deparavam com pessoas “fracas” sem alimentação, às vezes, por dias. Encontravam outras com sérias dificuldades para morar; muitas famílias dividiam aluguéis de casas entre si. Havia os que em estado de enfermidade não tinham condições de seguir as dietas médicas e adquirir a medicação adequada.

contento de seus próprios interesses. Os primeiros porque, por meio desta assistência, se aproximavam dos necessitados transferindo-lhes os valores de sua classe. A segunda, porque num contexto de grandes transformações sociais e políticas, buscava, através dos auxílios prestados se destacar em meio às novas religiosidades, tencionando, sobretudo, espriar seus dogmas demarcando uma excelência que se materializou no belo templo da Paróquia de Santa Cecília.<sup>8</sup>

Deste modo, a carência dos recursos mobilizados para a Conferência de assistência aos desvalidos fora mascarada pela riqueza do monumento que se erguera com vultuosos benefícios concedidos pelos membros das famílias dos que estavam envolvidos com o cultivo e os negócios do café na época.

#### Referências bibliográficas

CASTILLO, José Manuel Sanz. O Movimento da Reforma e a paroquialização do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: LONDOÑO, Fernando Torres (org.). **Paróquia e comunidade no Brasil – perspectiva histórica**. São Paulo: Paulus, 1997.

CHIZOTI, Geraldo. **Os operários da caridade – A Sociedade de São Vicente de Paulo em São Paulo**. 1991. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

FAUSTINO, Evandro. **O Catolicismo em São Paulo no Segundo Império e o “dilema da modernidade”**. 1991. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do capital: 1848- 1875**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859- 1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

SILVA, Claudia Neves. **Caridade: manifestação religiosa ou estratégia de controle social?** Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Claudia%20Neves%20da%20Silva.pdf>, acessado em março de 2011.

---

<sup>8</sup> Igreja de estilo eclético que contém telas, painéis e cúpulas pintados por Oscar Pereira da Silva e por Benedito Calixto. Foi sagrada pelo então arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva em 1920 quando sua construção e ornamentação foram consideradas definitivamente concluídas.